

ARTIGO DE PERSPETIVA/PERSPECTIVE ARTICLE

Os Lusíadas e a Imaginação Onírica: Perspectivas Neuroliterárias**Os Lusíadas[#] and the Oneiric Imagination: Neuroliterary Perspectives**

 Marleide de Mota Gomes ^{1,*},  António Martins da Silva ²

1-Faculdade de Medicina, Programa de Pós-Graduação em Psiquiatria e Saúde Mental, Instituto de Psiquiatria, Instituto de Neurologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

2-Unidade Local de Saúde de Santo António – Porto, Portugal; ICBAS (Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Universidade do Porto), Porto, Portugal

DOI: <https://doi.org/10.46531/sinapse/AP/178/2025>

Resumo

No contexto do quinto centenário de Luís de Camões, este artigo investiga a representação dos sonhos n' *Os Lusíadas* através de uma abordagem interdisciplinar que combina literatura e neurociência. Uma busca sistemática das ocorrências dos termos "sonho" e "sonhos" ao longo da epopeia revela como Camões transforma a imaginação onírica num dispositivo narrativo multifacetado. A análise demonstra que os sonhos na obra camoniana não são meros recursos estilísticos, mas elementos estruturais que articulam três dimensões essenciais: os conflitos internos das personagens, as aspirações heróicas da narrativa e as ansiedades psicológicas inerentes à viagem marítima. Vasco da Gama, protagonista central, é profundamente influenciado por experiências oníricas - tanto as suas como as de outras personagens - que refletem os seus medos, desejos e busca de transcendência.

Ao explorar estas passagens, o estudo identifica um diálogo complexo entre as conceções renascentistas de intervenção divina e o legado das epopeias clássicas. Além disso, ao dialogar com a neurobiologia contemporânea dos sonhos, demonstra como as descrições oníricas de Camões podem ser interpretadas à luz de processos cognitivos hoje mapeados pela ciência - como a vivacidade visual, associada ao córtex occipital, e a intensidade emocional, ligada à atividade da amígdala durante o sono REM. Estas conexões, embora interpretativas, destacam uma relação entre a obra e os avanços científicos atuais. Esta perspetiva interdisciplinar enriquece a compreensão d' *Os Lusíadas*, mostrando como a sua representação do universo onírico permanece relevante e dialoga com as mais recentes investigações sobre a mente humana.

Abstract

In the context of the fifth centenary of Luís de Camões, this article investigates the representation of dreams in *Os Lusíadas* through an interdisciplinary approach combining literature and neuroscience. A systematic survey of occurrences of the terms "dream" and "dreams" throughout the epic reveals how Camões transforms the oneiric imagination into a multifaceted narrative device. The analysis shows that dreams in Camões' work are not merely stylistic devices but serve as structural ele-

Informações/Informations:

Artigo de Perspetiva, publicado em Sinapse, Volume 25, Suplemento 2, agosto 2025. Versão eletrónica em www.sinapse.pt; Perspective Article, published in Sinapse, Volume 25, Supplement 2, August 2025. Electronic version in www.sinapse.pt

© Autor (es) (ou seu (s) empregador (es)) e Sinapse 2025. Reutilização permitida de acordo com CC BY-NC 4.0. Nenhuma reutilização comercial. © Author(s) (or their employer(s)) and Sinapse 2025. Re-use permitted under CC BY-NC 4.0. No commercial re-use.

Palavras-chave:

História do Século XVI;
Literatura;
Neurociências;
Sonhos.

Keywords:

Dreams;
History, 16th Century;
Literature;
Neurosciences.

***Autor Correspondente / Corresponding Author:**

António Martins da Silva
Serviço Neurofisiologia /
Departamento Neurociências
Hospital Santo António /
ULSSA – Porto
UMIB/ICBAS e
ITR – Universidade do Porto
4099-001 Porto, Portugal
ams@icbas.up.pt;
martinsdasilva.antonio@gmail.com
ams@icbas.up.pt;
martinsdasilva.antonio@gmail.com

Recebido / Received: 2025-07-19

Aceite / Accepted: 2025-07-20

Publicado / Published: 2025-08-19

[#] The authors chose to retain the original Portuguese title of the epic poem, *Os Lusíadas*, throughout the text, opting not to use its English translation, *The Lusíads*.

ments that articulate three essential dimensions: the internal conflicts of characters, the heroic aspirations of the narrative, and the psychological anxieties inherent to the maritime journey. Vasco da Gama, the central protagonist, is profoundly influenced by oneiric experiences - both his own and those of other characters - which reflect his fears, desires, and quest for transcendence. By exploring these passages, the study identifies a complex dialogue between Renaissance conceptions of divine intervention and the legacy of classical epics. Furthermore, by engaging with contemporary neurobiology of dreams, it demonstrates how Camões' oneiric descriptions can be interpreted in light of cognitive processes now mapped by science - such as visual vividness, associated with the occipital cortex, and emotional intensity, linked to amygdala activity during REM sleep. These connections, though interpretive, highlight a relationship between the work and current scientific advancements. This interdisciplinary perspective enriches our understanding of *Os Lusíadas*, showing how its representation of the oneiric universe remains relevant and engages with the latest investigations into the human mind.

Introdução

Os Lusíadas é uma obra épica do poeta português Luís de Camões, que celebra os feitos heróicos dos navegadores portugueses, em particular Vasco da Gama, que descobriu o caminho marítimo para a Índia. Ao longo do poema, inúmeras passagens destacam a importância dos sonhos e das visões proféticas na narrativa, influenciando as ações e decisões das personagens. Há ainda referências a deuses e figuras mitológicas que surgem em sonhos para orientar ou advertir os heróis. O poema descreve também batalhas, encontros com povos estrangeiros e trocas culturais, enfatizando a bravura e determinação portuguesas.¹

Com o quinto centenário de Camões, *Os Lusíadas* (1572) reafirma-se como pedra angular da literatura portuguesa, onde história e mito se entrelaçam na narrativa das viagens de Vasco da Gama e da expansão marítima de Portugal. Este artigo explora o papel dos sonhos na epopeia, partindo de estudos anteriores sobre o sono e a sonolência na obra camoniana. Apesar da sua profunda ligação a acontecimentos históricos, Camões utiliza os sonhos como um recurso literário multifacetado, capaz de articular revelações divinas e conflitos internos das personagens.

Nesta análise, identificamos doze ocorrências explícitas dos termos “sonho”, “sonhos” e “sonhou” ao longo do poema, concentradas sobretudo nos Cantos II e VIII (com quatro menções cada), enquanto os Cantos III, V, VI e X contêm uma cada.² Destacam-se ainda passagens

que, embora não utilizem o lexema “sonho” - como o célebre “Sonho de D. Manuel” no Canto IV (estrofes 67-75) - funcionam como visões proféticas, reforçando a centralidade do tema na estrutura do poema.

Ao reinterpretar estes sonhos através da “lente” da neurociência contemporânea, encontramos ligações surpreendentes com processos cerebrais hoje bem estabelecidos, como a vivacidade das imagens oníricas, ativada pelo córtex occipital durante o sono REM, e a intensidade emocional, associada à atividade da amígdala. Estas afinidades, embora interpretativas, demonstram como as experiências oníricas descritas por Camões dialogam singularmente com os avanços científicos atuais.

Desta dupla perspectiva - literária e neurocognitiva - os sonhos n' *Os Lusíadas* transcendem a sua função narrativa, emergindo como ferramentas sofisticadas para explorar tanto as grandes ambições do império português como as ambiguidades íntimas da condição humana. Embora Camões não tivesse a intenção de antecipar teorias científicas, a sua percepção aguda da mente humana permitiu que as suas descrições oníricas - mesmo intuitivas - ressonassem com conceitos que só séculos depois seriam sistematizados pela ciência.

Ao examinar estas passagens, pretendemos demonstrar que a obra camoniana continua a dialogar com debates contemporâneos sobre a função dos sonhos na arte e na ciência, reafirmando a sua relevância como objeto de investigação académica. A ausência do termo “sonho” no episódio de D. Manuel no Canto IV não

enfraquece este argumento, mas antes o reforça, mostrando como o ambiente onírico permeia a obra mesmo sem terminologia explícita, refletindo a sofisticação com que Camões integrou este elemento na sua poética.

Interpretações dos Sonhos n'Os Lusíadas

Para fundamentar a nossa abordagem neurocientífica, destacamos as contribuições de investigadores do Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos (CIEC), dedicado ao estudo da vida e obra de Camões. Esta secção sintetiza as ideias de Manuel Ferro,³ articulando uma reflexão contínua sobre a função literária e cultural dos sonhos na obra camoniana.

Desde Aristóteles, os sonhos fascinam como fenómenos liminares entre a razão e o mistério. Em *Da Alma*, Aristóteles define os sonhos como manifestações da imaginação - não meras cópias da realidade, mas reconstruções ativas da mente, onde resíduos sensoriais se recombinaem em narrativas surpreendentes. Esta dualidade - entre o orgânico e o simbólico - ecoa na literatura: para Voltaire, os sonhos eram memórias reorganizadas; para Sartre, atos conscientes de criação, paradoxais na sua negação da realidade para a recriar.

Na tradição literária, os sonhos funcionaram sempre como portais. Homero e Virgílio usaram-nos como mensagens divinas, mecanismos proféticos que guiavam os heróis. No Renascimento, com Camões e Tasso, este legado assume nuances mais complexas. N'Os *Lusíadas*, o sonho de D. Manuel (Canto IV) não é apenas um recurso épico, mas um diálogo entre o humano e o cósmico. Quando rios como o Indo e o Ganges surgem como anciãos a revelar o destino das navegações, Camões ultrapassa Virgílio, nacionalizando o elemento maravilhoso e transformando a visão onírica numa alegoria do projeto imperial português.

Tasso, em *Jerusalém Libertada*, aprofunda o sonho como conflito interno. Godofredo, ao receber a visão de Ugone, não apenas prevê, mas exige redenção. Aqui, o onírico assume uma dimensão psicológica, expondo culpas, dúvidas e tensões entre dever e desejo. Esta diferença gerou debates no século XVII. Críticos como Pires de Almeida acusaram Camões de incoerência (questionando por que Morfeu figura como deus do sono e não dos sonhos), enquanto João Soares de Brito defendeu a sua originalidade, argumentando que a poesia épica não se rege pela lógica, mas transcende regras através da arte.

Estes debates revelam que os sonhos na epopeia nunca foram mero ornamento. Representam uma fronteira: entre o divino e o humano, entre a tradição clássica e a inovação renascentista, entre a narrativa unificada e a liberdade criativa. Ao integrar sonhos n'Os *Lusíadas*, Camões não apenas homenageia Homero ou Virgílio, mas reinterpreta o passado através da "lente" do projeto demasiado humano de dominar o desconhecido. O sonho de D. Manuel é mais do que profecia - é um espelho que reflete os desejos de um povo que, mesmo acordado, ousou sonhar.

Diálogo Entre Literatura e Neurociência Contemporânea dos Sonhos n'Os Lusíadas

N'Os *Lusíadas*, Camões emprega recorrentemente o tema dos sonhos, atribuindo-lhes uma complexidade multifacetada que combina funções narrativas, simbólicas, emocionais e cognitivas. Estes sonhos não apenas impulsionam a ação épica, mas revelam uma profunda intuição sobre os estados mentais humanos durante o sono, antecipando conceitos hoje explicados pela neurociência contemporânea.

No Canto II, estrofe 56, Mercúrio aparece "em sonhos" ao Capitão, mostrando-lhe a terra onde poderia descansar em segurança (Fig. 1). Aqui, o sonho serve como orientação divina e estratégia protetora. Esta conceção remonta à tradição épica clássica, como os sonhos enviados pelos deuses na *Iliada* e na *Eneida*, mas pode ser reinterpretada à luz da neurobiologia moder-



Figura 1. Sonho e Profecia: A Jornada Onírica do Marinheiro n'Os *Lusíadas* – Ilustração gerada por DALL-E a partir do prompt de MMG.

na. Durante o sono REM, a intensa ativação do córtex occipital - responsável pela geração de imagens visuais complexas⁴ - torna plausível a construção de cenários vívidos e significativos como os descritos por Camões.

Na estrofe 61 do mesmo canto, Mercúrio reaparece “em sonhos”, advertindo o herói de uma emboscada. O peso emocional deste aviso - que leva a uma ação imediata - encontra suporte na hiperatividade da amígdala durante o sono REM, estrutura cerebral ligada ao processamento do medo e da ameaça.⁴ Simultaneamente, a supressão funcional do córtex pré-frontal dorsolateral reduz o juízo crítico, facilitando a aceitação do conteúdo onírico como verdadeiro e urgente.⁵

A estrofe 71 amplifica esta ambiguidade. Aqui, o Capição valida a orientação do sonho através da confirmação empírica das palavras do mouro: “*Porque já lhe dissera, deste jeito, / Cileneu em sonhos*”. O sonho oscila entre o divino e o verificável, refletindo uma tensão renascentista entre fé e razão. Neurocientificamente, esta ambiguidade pode ser compreendida pela dissociação entre o sistema límbico - gerando respostas emocionais intensas - e o córtex pré-frontal, responsável pela avaliação racional, ambos modulados peculiarmente durante o sono REM.⁴

No Canto III, estrofe 121, surge uma abordagem mais introspectiva: “*De noite em doces sonhos, que mentiam*”. O verso contrasta o prazer dos sonhos com a sua falsidade, apontando para a natureza ilusória da experiência onírica. Esta visão alinha-se com o ceticismo renascentista sobre a percepção sensorial. Neurofisiologicamente, esta ilusão explica-se pela atividade talâmica, que bloqueia estímulos externos durante o sono REM, e pela intensa ativação do córtex occipital, criando imagens mentais sem interferência pré-frontal.⁶ O resultado é uma “realidade interna” vívida e carregada emocionalmente, dissociada da verificação sensorial.

Este questionamento ontológico reaparece no Canto V, na estrofe 57: “*Ou fosse monte, nuvem, sonho, ou nada?*” - um verso que encapsula a dúvida fundamental sobre a natureza dos sonhos. Serão verdades veladas ou pura ilusão? A neurociência moderna associa esta confusão à desativação parcial do hipocampo durante o sono REM, prejudicando a capacidade de distinguir entre memórias autênticas e imagens simuladas.⁴

A dimensão traumática dos sonhos é explorada no Canto VI, estrofe 94, com a imagem de quem lembra “*de horrendo sonho*”. Trata-se de um exemplo clássico de pesadelos, onde o conteúdo onírico gera angústia emocional

intensa. Estudos contemporâneos indicam que os sonhos perturbadores envolvem a ativação do córtex insular e do giro cingulado médio, áreas cerebrais ligadas à dor, empatia e sofrimento emocional.⁷ Neste contexto, os sonhos funcionam como simulações ameaçadoras, preparando os indivíduos para situações adversas em vigília.

No Canto VIII, o motivo onírico ressurgiu com força narrativa. A estrofe 47 introduz Baco, que “*em sonhos lhe aparece*” ao sacerdote maometano, assumindo a forma do Profeta. A construção dos sonhos como ferramentas de manipulação religiosa e ideológica reflete a plasticidade simbólica da experiência onírica. Neurobiologicamente, as personagens mitológicas dos sonhos podem ser explicadas pela recombinação de memórias no córtex pré-frontal medial e no lobo temporal, ativados durante o REM para construir narrativas complexas.⁶

A estrofe 48 descreve o impacto imediato do sonho: “*Espantado do sonho; mas consigo / Cuida que não é mais que sonho usado*”. O espanto inicial corresponde à carga emocional remanescente do REM ao despertar, enquanto a racionalização subsequente (“sonho comum”) marca a tentativa de reintegração consciente via reativação pré-frontal dorsolateral. Pouco depois, na estrofe 51, a personagem “*dá conta estreita*” do sonho, reforçando a persistência do conteúdo onírico na memória episódica recém-formada.

Finalmente, no Canto X, estrofe 7, os sonhos reaparecem associados a dons proféticos: “*Que Júpiter em dom lho concedeu / Em sonhos*”. Aqui, a função do sonho ultrapassa a componente emocional e estratégica, tornando-se uma via para conhecimento visionário. A neurociência reconhece esta capacidade projetiva na interação entre a *Rede de Modo Padrão* (envolvida na imaginação e introspeção) e os sistemas ativados pelo REM,^{6,8} sugerindo que o cérebro sonhador é também um criador de mundos possíveis.

Ao longo da epopeia, os sonhos servem como mensagens divinas, ilusões afetivas ou sinais proféticos. Esta multiplicidade de significados - entre o espiritual, o psicológico e o narrativo - antecipa questões que a neurociência esclareceria séculos depois. Do ponto de vista literário, Camões integra os sonhos como constitutivos da experiência humana. Do ponto de vista neurobiológico, estas descrições alinham-se com o conhecimento atual sobre o sono REM, as suas dinâmicas emocionais, vivacidade visual e papel na consolidação da memória. Em ambos os casos, os sonhos permanecem terreno fértil para o mistério e a investigação - seja poética ou científica.

Sonhos como Profecia e Comunicação Divina

N'Os *Lusíadas*, os sonhos funcionam frequentemente como canais para mensagens divinas ou profecias, refletindo a crença na intervenção sobrenatural na vida humana. No Canto V, por exemplo, Vasco da Gama sonha com Mercúrio, que o tranquiliza quanto ao sucesso da viagem. Este uso pode ser interpretado neurocientificamente através do processamento emocional e cognitivo intensificado durante o sono REM, onde o cérebro assimila experiências em narrativas altamente simbólicas e carregadas de significado ou premonição.

Durante o sono REM, o sistema límbico - em particular a amígdala e o hipocampo - está altamente ativo, facilitando a vivacidade e carga emocional dos sonhos. N'Os *Lusíadas*, tais sequências espelham frequentemente os medos e desejos mais profundos das personagens, funcionando como representações simbólicas das suas lutas. Assim, os sonhos na epopeia servem como condensações emocionais e cognitivas, assumindo frequentemente a forma de mensagens premonitórias ou comunicação divina, alinhando-se tanto com as crenças renascentistas como com a neurofisiologia do REM.

O Sonho Profético de D. Manuel: Entre a Épica e a Neurociência

No Canto IV d'Os *Lusíadas*, o sonho de D. Manuel I marca um momento pivotal onde Camões entrelaça história e profecia para legitimar a expansão marítima portuguesa como um destino manifesto (Fig. 2). Narrado por Vasco da Gama ao Rei de Melinde, este episódio (descrito nas estrofes 67 a 75 deste canto) apresenta uma visão onírica elaborada segundo a tradição clássica: inicia-se com a preparação, avança com a aparição do Ganges e do Indo - personificados como anciãos veneráveis - e culmina na coroação de D. Manuel com folhagem desconhecida. Esta coroa, como observa a Professora Michaela Ramon,⁹ baseando-se no comentário de Manuel de Faria e Sousa de 1636 (reeditado em fac-símile em 1972), tem um duplo valor simbólico: representa a glória imperial e o mistério das terras orientais não conquistadas, ligando a memória da Reconquista ibérica à expansão ultramarina através de um recurso épico que confere legitimidade divina.

Uma leitura neurobiológica deste sonho revela uma confluência surpreendente entre a construção literária de Camões e os processos cerebrais descritos por Simor *et al.*¹⁰ Em "Sleep and dreaming in the light of reactive



Figura 2. The Dream of Dom Manuel: Prophetic Visions and Imperial Challenges – Illustration generated by DALL-E from MMG's prompt.

and predictive homeostasis”, os autores propõem que o conteúdo e função dos sonhos se relacionam com as dinâmicas homeostáticas do sono, diferenciando a homeostase reativa - focada na restauração fisiológica no sono inicial - da homeostase preditiva, dominante mais tarde, preparando o organismo para o despertar e desafios futuros. Aqui, os sonhos evoluem de narrativas simples e retrospectivas para experiências complexas, autorreferenciais e prospetivas, acompanhadas pela reativação da Rede de Modo Padrão e elevação do cortisol. O estudo explica ainda como a atividade cognitiva matinal pode competir com a recordação dos sonhos, justificando a amnésia onírica, e sugere que os sonhos funcionam como simulações cognitivas adaptativas integradas nos papéis restaurador e antecipatório do sono.

No episódio camoniano, a vivacidade sensorial da visão - em particular a personificação detalhada dos rios - corresponde à ativação occipital típica do REM, enquanto a coerência narrativa indica integração cortical durante esta fase. A Rede de Modo Padrão, associada à autorreflexão, justifica o carácter autorreferencial da visão, projetando aspirações nacionais no monarca. A clara recordação do sonho, contrastando com o habitual esquecimento, sublinha a sua função narrativa e simbólica na epopeia, reafirmando os sonhos como dispositivos poéticos e expressões da atividade cerebral durante o sono.⁴

Segundo Mutz & Javadi,⁶ a dissociação neurofuncional do REM - ativação límbica com supressão pré-frontal - esclarece aspetos do episódio camoniano: a aceitação

acrítica da profecia pelo rei espelha a desativação de áreas metacognitivas, enquanto a intensidade emocional deriva da hiperatividade da amígdala. Esta configuração cerebral, favorável a narrativas oníricas complexas, serve os propósitos épicos de Camões, transformando os sonhos em mecanismos de legitimação política.

Na perspetiva de Micaela Ramon, revisitando a análise de Faria e Sousa no século XVII, a cena dialoga com a tradição épica, em particular o sonho de Eneias na *Eneida* VIII, onde o avistar do Tibre prevê a fundação de Roma. Contudo, Camões ultrapassa este modelo ao integrar organicamente a visão profética na narrativa histórica portuguesa. Os rios que prestam homenagem ao rei - “*cuja cerviz bem nunca foi domada*” (“cuja postura nunca foi domada”) - tornam-se alegorias do poder e da expansão, antecipando o império oriental português. Esta construção literária, que mescla elementos épicos, alegóricos e históricos, revela uma síntese onde convergem estratégia narrativa, processos neurocognitivos e legitimação imperial. Sem pretender antecipação científica, a representação camoniana dos sonhos - com a sua vivacidade sensorial e aceitação acrítica - coincide com mecanismos neurobiológicos modernos, como a ativação occipital no REM e a supressão pré-frontal.

Assim, a obra demonstra uma intrigante convergência entre narrativa poética e processos cerebrais, resultante de uma interpretação que, embora não intencionalmente científica, reflete a profunda intuição de Camões sobre a mente humana nas suas descrições oníricas.

Conclusão

N’Os *Lusíadas*, Camões emprega os sonhos como um dispositivo narrativo sofisticado, capaz de articular revelações divinas e conflitos psicológicos profundos. A perspetiva interdisciplinar aqui adotada demonstra que os sonhos na epopeia transcendem o mero artifício poético, funcionando como mecanismos estruturais que refletem conceções renascentistas e processos neurocognitivos hoje compreendidos. A vivacidade das imagens oníricas, ligada à ativação do córtex occipital durante o sono REM, e a intensidade emocional, associada à atividade da amígdala, encontram paralelos nas descrições camonianas. A ambiguidade entre realidade e ilusão nos sonhos, espelhada pela desativação pré-frontal dorsolateral, reforça esta relação.

É de destacar, em particular, o sonho profético de D. Manuel, exemplificando como Camões integrou tra-

dição épica, alegoria política e intuições sobre a mente humana, criando uma narrativa que - embora enraizada no imaginário renascentista - se mostra compatível com mecanismos neurocognitivos modernos, mesmo que esta compatibilidade seja uma leitura retrospectiva. Assim, o estudo reafirma a intemporalidade dos sonhos n’Os *Lusíadas*, destacando a sua capacidade de abrir janelas para a psicologia das personagens e para os processos universais da criação cognitiva e literária.

Embora esta abordagem interdisciplinar ofereça conhecimentos valiosos, é crucial reconhecer que a complexidade simbólica dos sonhos camonianos não pode ser reduzida à ciência moderna. A obra permanece ancorada no seu contexto histórico e estético, e quaisquer paralelos com a neurociência devem ser entendidos como diálogos possíveis, não explicações definitivas. ■

Agradecimentos

Agradecemos ao Professor Doutor José Carlos Seabra Pereira, Coordenador científico do Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos (CIEC) da Universidade de Coimbra, pelas valiosas contribuições ao debate teórico que fundamentou esta pesquisa, bem como pelas sugestões que enriqueceram a análise d’Os *Lusíadas*. O seu conhecimento em estudos camonianos foi importante para o aprimoramento das interpretações aqui apresentadas.



Introduction

Os Lusíadas is an epic work by the Portuguese poet Luís de Camões, celebrating the heroic feats of Portuguese navigators, particularly Vasco da Gama, who discovered the sea route to India. Throughout the poem, numerous passages highlight the importance of dreams and prophetic visions in the narrative, influencing the actions and decisions of the characters. There are also references to gods and mythological figures who appear in dreams to guide or warn the heroes. The poem further describes battles, encounters with foreign peoples, and cultural exchanges, emphasizing Portuguese bravery and determination.¹

With Camões’ fifth centenary, *Os Lusíadas* (1572) reaffirms itself as a cornerstone of Portuguese literature, where history and myth intertwine in the narrative of Vasco da Gama’s voyages and Portugal’s maritime expansion. This article explores the role of dreams in the

epic, building upon previous studies on sleep and drowsiness in Camões' work. Despite its deep connection to historical events, Camões employs dreams as a multifaceted literary device, capable of articulating divine revelations as well as the characters' internal conflicts.

In this analysis, we identify twelve explicit occurrences of the terms "dream," "dreams," and "dreamt" throughout the poem, particularly concentrated in Cantos II and VIII (each with four mentions), while Cantos III, V, VI, and X contain one each.² Notably, passages that do not explicitly use the lexeme "dream" - such as the famous "Dream of Dom Manuel" in Canto IV (stanzas 67-75) - function as prophetic visions, reinforcing the centrality of the theme in the poem's structure.

By reinterpreting these dreams through the lens of contemporary neuroscience, we find surprising connections with well-established brain processes, such as the vividness of dream imagery, activated by the occipital cortex during REM sleep, and emotional intensity, linked to amygdala activity. These affinities, though interpretive, demonstrate how the oneiric experiences described by Camões uniquely engage with current scientific advancements.

From this dual perspective - literary and neurocognitive - dreams in *Os Lusíadas* transcend their narrative function, emerging as sophisticated tools for exploring both the grand ambitions of the Portuguese empire and the intimate ambiguities of the human condition. While Camões did not intend to anticipate scientific theories, his acute perception of the human mind allowed his dream descriptions - even if intuitive - to resonate with concepts that would only be systematized by science centuries later.

By examining these passages, we aim to show that Camões' work continues to engage with contemporary debates on the function of dreams in art and science, reaffirming its relevance as an object of academic inquiry. The absence of the term "dream" in the episode of Dom Manuel in Canto IV does not weaken this argument but rather strengthens it, demonstrating how the oneiric environment permeates the work even without explicit terminology, reflecting the sophistication with which Camões integrated this element into his poetics.

Interpretations of Dreams in *Os Lusíadas*

To support our neuroscientific approach, we highlight the contributions of scholars from the Interuniversity Center for Camonian Studies (CIEC), dedicated to investigating Camões' life and work. This section synthesi-

zes the ideas of Manuel Ferro,³ articulating a continuous reflection on the literary and cultural function of dreams in Camões' work.

Since Aristotle, dreams have fascinated as liminal phenomena between reason and mystery. In *On the Soul*, Aristotle defines dreams as manifestations of the imagination - not mere copies of reality but active reconstructions of the mind, where sensory residues recombine into surprising narratives. This duality - between the organic and the symbolic - echoes in literature: for Voltaire, dreams were reorganized memories; for Sartre, conscious acts of creation, paradoxical in their denial of reality to recreate it.

In literary tradition, dreams have always functioned as portals. Homer and Virgil used them as divine messages, prophetic mechanisms guiding heroes. In the Renaissance, with Camões and Tasso, this heritage assumes more complex nuances. In *Os Lusíadas*, the dream of Dom Manuel (Canto IV) is not merely an epic device but a dialogue between the human and the cosmic. When rivers like the Indus and the Ganges appear as elders revealing the destiny of navigations, Camões goes beyond Virgil, nationalizing the marvelous element and transforming the oneiric vision into an allegory of the Portuguese imperial project.

Tasso, in *Jerusalem Delivered*, deepens the dream as an internal conflict. Godfrey, upon receiving the vision of Ugone, does not merely foresee but calls for redemption. Here, the oneiric assumes a psychological dimension, exposing guilt, doubt, and tensions between duty and desire. This difference sparked debates in the 17th century. Critics like Pires de Almeida accused Camões of incoherence (questioning why Morpheus figures as the god of sleep rather than dreams), while João Soares de Brito defended his originality, arguing that epic poetry is not bound by logic but transcends rules through art.

These debates reveal that dreams in the epic were never mere ornamentation. They represent a frontier: between the divine and the human, between classical tradition and Renaissance innovation, between unified narrative and creative freedom. By incorporating dreams into *Os Lusíadas*, Camões not only pays homage to Homer or Virgil but reinterprets the past through the lens of the all-too-human project of mastering the unknown. The dream of Dom Manuel is more than prophecy - it is a mirror reflecting the desires of a people who, even awake, dared to dream.

Dialogue Between Literature and Contemporary Neuroscience of Dreams in *Os Lusíadas*

In *Os Lusíadas*, Camões recurrently employs the theme of dreams, attributing to them a multifaceted complexity that combines narrative, symbolic, emotional, and cognitive functions. These dreams not only drive the epic action but reveal a profound intuition about human mental states during sleep, anticipating concepts now explained by contemporary neuroscience.

In Canto II, stanza 56, Mercury appears “em sonhos” (in dreams) to the Captain, showing him the land where he could rest safely (Fig. 1). Here, the dream serves as divine guidance and a protective strategy. This conception harks back to the classical epic tradition, such as the god-sent dreams in the *Iliad* and *Aeneid*, but can be reinterpreted in light of modern neurobiology. During REM sleep, intense activation of the occipital cortex - responsible for generating complex visual images⁴ - makes plausible the construction of vivid, meaningful scenarios like those described by Camões.

In stanza 61 of the same canto, Mercury appears again “em sonhos,” warning the hero of a trap. The emotional weight of this warning - leading to immediate action - finds support in amygdala hyperactivity during REM sleep, a brain structure linked to fear and threat processing⁴. Simultaneously, the functional suppression of the dorsolateral prefrontal cortex reduces critical judgment, facilitating the acceptance of dream content as true and urgent.⁵

Stanza 71 amplifies this ambiguity. Here, the Captain validates the dream’s guidance through empirical confirmation from the Moor’s words: “*Porque já lhe dissera, deste jeito, / Cileneu em sonhos*” (“For thus had Mercury foretold in dreams”). The dream oscillates between the divine and the verifiable, reflecting a Renaissance tension between faith and reason. Neuroscientifically, this ambiguity can be understood by the dissociation between the limbic system - generating intense emotional responses - and the prefrontal cortex, responsible for rational evaluation, both modulated peculiarly during REM sleep.⁴

In Canto III, stanza 121 offers a more introspective approach: “*De noite em doces sonhos, que mentiam*” (“By night in sweet dreams, which deceived”). The verse contrasts the pleasure of dreams with their falsehood, pointing to the illusory nature of oneiric experience. This view aligns with Renaissance skepticism about sensory perception. Neurophysiologically, this illusion



Figure 1. Dream and Prophecy: The Oneiric Journey of the Mariner in *Os Lusíadas* – Illustration generated by DALL-E from MMG’s prompt.

is explained by thalamic activity, which blocks external stimuli during REM sleep, and intense occipital cortex activation, creating mental images without prefrontal interference.⁶ The result is a vivid, emotionally charged “internal reality,” dissociated from sensory verification.

This ontological questioning reappears in Canto V, stanza 57: “*Ou fosse monte, nuvem, sonho, ou nada?*” (“Was it a mountain, a cloud, a dream, or nothing?”) - a line encapsulating the fundamental doubt about the nature of dreams. Are they veiled truths or pure illusion? Modern neuroscience associates this confusion with partial hippocampal deactivation during REM sleep, impairing the ability to distinguish between authentic memories and simulated images.⁴

The traumatic dimension of dreams is explored in Canto VI, stanza 94, with the image of one awakening “*de horrendo sonho*” (“from a horrid dream”). This is a classic example of nightmares, where dream content generates intense emotional distress. Contemporary studies indicate that disturbing dreams involve activation of the insular cortex and mid-cingulate gyrus, brain areas linked to pain, empathy, and emotional suffering.⁷ In this context, dreams function as threatening simulations, preparing individuals for adverse waking situations.

In Canto VIII, the dream motif resurges with narrative force. Stanza 47 introduces Bacchus, who “*em sonhos lhe aparece*” (“appears in dreams”) to the Mohammedan priest, assuming the Prophet’s form. The construction of dreams as tools of religious and ideological manipulation

reflects the symbolic plasticity of oneiric experience. Neurobiologically, mythological dream characters can be explained by memory recombination in the medial prefrontal cortex and temporal lobe, activated during REM to construct complex narratives.⁶

Stanza 48 describes the dream's immediate impact: "*Espantado do sonho; mas consigo / Cuida que não é mais que sonho usado*" ("Startled by the dream, yet thinks it but a common dream"). The initial astonishment corresponds to lingering REM emotional charge upon waking, while the subsequent rationalization ("common dream") marks the conscious reintegration attempt via dorsolateral prefrontal reactivation. Shortly after, in stanza 51, the character "*dá conta estreita*" ("gives strict account") of the dream, reinforcing the persistence of oneiric content in newly formed episodic memory.

Finally, in Canto X, stanza 7, dreams reappear associated with prophetic gifts: "*Que Júpiter em dom lho concedeu / Em sonhos*" ("Which Jupiter granted him in dreams"). Here, the dream's function surpasses the emotional and strategic, becoming a channel for visionary knowledge. Neuroscience recognizes this projective capacity in the interaction between the Default Mode Network (involved in imagination and introspection) and REM-activated systems^{6,8}, suggesting that the dreaming brain is also a creator of possible worlds.

Throughout the epic, dreams serve as divine messages, affective illusions, or prophetic signs. This multiplicity of meanings - tensioned between the spiritual, psychological, and narrative - anticipates questions neuroscience would clarify centuries later. From a literary standpoint, Camões integrates dreams as constitutive of human experience. From a neurobiological standpoint, these descriptions align with current knowledge of REM sleep, its emotional dynamics, visual vividness, and role in memory consolidation. In both cases, dreams remain fertile ground for mystery and investigation - whether poetic or scientific.

Dreams as Prophecy and Divine Communication

In *Os Lusíadas*, dreams frequently function as channels for divine messages or prophecies, reflecting belief in supernatural intervention in human life. In Canto V, for instance, Vasco da Gama dreams of Mercury, who reassures him of the voyage's success. This usage can be neuroscientifically interpreted through intensified emotional and cognitive processing during REM sleep, where

the brain assimilates experiences in highly symbolic narratives laden with meaning or premonition.

During REM sleep, the limbic system - particularly the amygdala and hippocampus - is highly active, facilitating dream vividness and emotional charge. In *Os Lusíadas*, such sequences often mirror characters' deepest fears and desires, functioning as symbolic representations of their struggles. Thus, dreams in the epic serve as emotional and cognitive condensations, frequently taking the form of premonitory messages or divine communication, aligning with Renaissance beliefs and REM neurophysiology.

The Prophetic Dream of Dom Manuel: Between Epic and Neuroscience

In Canto IV of *Os Lusíadas*, the dream of Dom Manuel I marks a pivotal moment where Camões intertwines history and prophecy to legitimize Portugal's maritime expansion as a manifest destiny (**Fig. 2**). Narrated by Vasco da Gama to the King of Melinde, this episode (stanzas 67-75) presents an elaborate oneiric vision following classical tradition: it begins with preparation, advances with the apparition of the Ganges and Indus - personified as venerable elders - and culminates in their crowning Dom Manuel with unknown foliage. This crown, as noted by Professor Michaela Ramon,⁹ based on Manuel de Faria e Sousa's 1636 commentary (republished in facsimile in 1972), holds dual symbolic value: it represents imperial glory and the mystery of unconquered Eastern lands, linking Iberian Reconquest

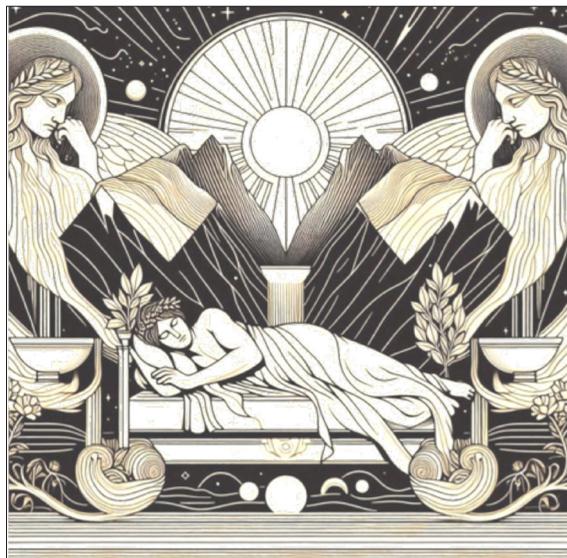


Figure 2. The Dream of Dom Manuel: Prophetic Visions and Imperial Challenges – Illustration generated by DALL-E from MMG's prompt.

memory to overseas expansion through an epic device conferring divine legitimacy.

A neurobiological reading of this dream reveals a striking confluence between Camões' literary construction and brain processes described by Simor *et al.*¹⁰ In "Sleep and dreaming in the light of reactive and predictive homeostasis", the authors propose that dream content and function relate to sleep's homeostatic dynamics, differentiating reactive homeostasis - focused on physiological restoration in early sleep - from predictive homeostasis, dominant later, preparing the organism for waking and future challenges. Here, dreams evolve from simple, retrospective narratives to complex, self-referential, prospective experiences, accompanied by Default Mode Network reactivation and cortisol elevation. The study further explains how morning cognitive activity may compete with dream recall, accounting for dream amnesia, and suggests dreams function as adaptive cognitive simulations integrated into sleep's restorative and anticipatory roles.

In Camões' episode, the vision's sensory vividness - particularly the rivers' detailed personification - corresponds to occipital activation typical of REM sleep, while narrative coherence indicates cortical integration during this phase. The Default Mode Network, associated with self-reflection, justifies the vision's self-referential nature, projecting national aspirations onto the monarch. The dream's clear recall, contrasting with usual forgetfulness, underscores its narrative and symbolic function in the epic, reaffirming dreams as poetic devices and expressions of brain activity during sleep.⁴

According to Mutz & Javadi,⁶ REM neurofunctional dissociation - limbic activation with prefrontal suppression - clarifies aspects of Camões' episode: the king's uncritical acceptance of prophecy mirrors metacognitive area deactivation, while emotional intensity stems from amygdala hyperactivity. This brain configuration, favoring complex oneiric narratives, serves Camões' epic purposes, transforming dreams into mechanisms of political legitimization.

From Micaela Ramon's perspective, revisiting Faria e Sousa's 17th-century analysis, the scene dialogues with epic tradition, particularly Aeneas' dream in *Aeneid* VIII, where the Tiber foretells Rome's founding. Yet Camões surpasses this model by organically integrating prophetic vision into Portuguese historical narrative. The rivers paying homage to the king - "*cuja cerviz bem nunca foi*

domada" ("whose neck was never tamed") - become allegories of power and expansion, anticipating Portugal's Eastern empire. This literary construction, blending epic, allegorical, and historical elements, reveals a synthesis where narrative strategy, neurocognitive processes, and imperial legitimization converge. Without intending scientific anticipation, Camões' dream representation - with its sensory vividness and uncritical acceptance - coincides with modern neurobiological mechanisms, such as REM occipital activation and prefrontal suppression.

Thus, the work demonstrates an intriguing convergence between poetic narrative and brain processes, resulting from an interpretation that, though not intentionally scientific, reflects Camões' profound intuition of the human mind in his oneiric descriptions.

Conclusion

In *Os Lusíadas*, Camões employs dreams as a sophisticated narrative device, capable of articulating divine revelations and profound psychological conflicts. The interdisciplinary perspective adopted here demonstrates that dreams in the epic transcend mere poetic artifice, functioning as structural mechanisms reflecting Renaissance conceptions and neurocognitive processes now understood. The vividness of dream imagery, linked to occipital cortex activation during REM sleep, and emotional intensity, tied to amygdala activity, find parallels in Camões' descriptions. The ambiguity between reality and illusion in dreams, mirrored by dorsolateral prefrontal deactivation, reinforces this relationship.

Particular attention is due to Dom Manuel's prophetic dream, exemplifying how Camões integrated epic tradition, political allegory, and insights into the human mind, creating a narrative that - while rooted in Renaissance imagination - proves compatible with modern neurocognitive mechanisms, even if this compatibility is a retrospective reading. Thus, the study reaffirms the timelessness of dreams in *Os Lusíadas*, highlighting their capacity to open windows into character psychology and universal cognitive and literary creation processes.

While this interdisciplinary approach offers valuable insights, it is crucial to acknowledge that the symbolic complexity of Camões' dreams cannot be reduced to modern science. The work remains anchored in its historical and aesthetic context, and any parallels with neuroscience should be understood as possible dialogues, not definitive explanations. ■

Acknowledgments

We thank Professor José Carlos Seabra Pereira, Scientific Coordinator of the Interuniversity Center for Camonian Studies (CIEC) at the University of Coimbra, for his valuable contributions to the theoretical debate that underpinned this research, as well as for his suggestions that enriched the analysis of *Os Lusíadas*. His expertise in Camonian studies was instrumental in refining the interpretations presented here.



Declaração de Contribuição / Contributorship Statement

MMG: Conceção, organização e execução do projeto de investigação. Redação do primeiro rascunho do artigo. Revisão e crítica.

AMS: Conceção, organização e execução do projeto de investigação. Revisão e crítica do artigo.

Os autores aprovaram a versão final a ser publicada.

MMG: Research project: conception, organization, execution. Article preparation: drafting the first version. Review and critique.

AMS: Research project: conception, organization, execution. Article preparation: review and critique.

The authors approved the final version to be published.

Responsabilidades Éticas

Conflitos de Interesse: Os autores declaram a inexistência de conflitos de interesse.

Apoio Financeiro: Este trabalho não recebeu qualquer subsídio, bolsa ou financiamento.

Proveniência e Revisão por Pares: Não solicitado; revisão externa por pares.

Ethical Disclosures

Conflicts of Interest: The authors have no conflicts of interest to declare.

Financial Support: This work has not received any contribution grant or scholarship.

Provenance and Peer Review: Not commissioned; externally peer-reviewed.

References / Referências

1. Camões L. *Os Lusíadas* [Internet]. Project Gutenberg; 2007 [accessed 2025 Abril 4]. Available at: <https://www.gutenberg.org/ebooks/3333> Camões L.
2. Camões L. *Os Lusíadas* [Internet]. Ramos EP, editor. Porto: Porto Editora; 1972. [accessed 2025 Abril 4]. Available at: <https://archive.org/details/os-lusiadas-luis-de-camoes/page/106/mode/2up?q=sonhos>
3. Ferro M. O sonho na épica quinhentista. Camões e Tasso em confronto. *Imaginação e Literatura*. Série "Leonardo" 5, 2009, 5: 53-83
4. Nir Y, Tononi G. Dreaming and the brain: from phenomenology to neurophysiology. *Trends Cogn Sci*. 2010;14:88-100.
5. Hobson JA, Pace-Schott EF. The cognitive neuroscience of sleep: neuronal systems, consciousness and learning. *Nat Rev Neurosci*. 2002;3:679-93.
6. Mutz J, Javadi AH. Exploring the neural correlates of dream phenomenology and altered states of consciousness during sleep. *Neurosci Conscious*. 2017;2017:nix009. doi: 10.1093/nc/nix009.
7. Sterpenich V, Perogamvros L, Tononi G, Schwartz S. Fear in dreams and in wakefulness: Evidence for day/night affective homeostasis. *Hum Brain Mapp*. 2020;41:840-50. doi: 10.1002/hbm.24843.
8. Raichle ME. The brain's default mode network. *Annu Rev Neurosci*. 2015;38:433-47. doi: 10.1146/annurev-neuro-071013-014030.
9. Ramon M. Sonho de Dom Manuel, em *Os Lusíadas* edição de 1636 por Manuel Faria e Sousa. Braga: Edição Fac simulada INCM; 1972. [accessed 2025 Abril 4]. Available at: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/61301/1/Sonho%20de%20D.%20Manuel%20final.pdf>
10. Simor P, Peigneux P, Bódizs R. Sleep and dreaming in the light of reactive and predictive homeostasis. *Neurosci Biobehav Rev*. 2023;147:105104. doi: 10.1016/j.neubiorev.2023.105104.